

# Musicoterapia e interseccionalidades: Experiências musicais de grupos de mulheres

**Music therapy and intersectionalities: Musical experiences of women's groups**

**Kezia Paz\***

Pós-graduanda na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: musicoterapeutakeziapaz@gmail.com

**Resumo:** Introdução: O presente trabalho visa relatar a experiência de práticas comunitárias de musicoterapia feminista realizadas com grupos mulheres, na cidade de São Paulo. Relato de caso: Trata-se de um grupo composto por mulheres ativistas, e outro por mulheres em situação de violência e vulnerabilidade. Discussão: A proposta é refletir sobre os impactos dos marcadores sociais no fazer musical das mulheres, bem como destacar a importância do olhar interseccional para a prática musicoterapêutica trazendo contribuições para o campo da musicoterapia preventiva social e comunitária.

**Palavras-chave:** musicoterapia, mulheres, interseccionalidade.

**Abstract:** Introduction: This paper aims to report the experience of community practices of feminist music therapy carried out with women's groups in the city of São Paulo. Case report: This is a group composed of women activists, and another of women in situations of violence and vulnerability. Discussion: The proposal is to reflect on the impacts of social markers on women's music making, as well as highlight the importance of the intersectional look for music therapy practice, bringing contributions to the field of social and community preventive music therapy.

**Keywords:** music therapy, women, intersectionality.

## Relato breve

### Introdução

O presente trabalho visa expor a experiência de práticas comunitárias de musicoterapia feminista realizadas com grupos mulheres, na cidade de São Paulo. Trata-se de um trabalho de caráter qualitativo, descritivo e exploratório com o objetivo de identificar os impactos sobre marcadores sociais no fazer musical das mulheres, bem como destacar a importância do olhar interseccional para a prática musicoterapêutica, como forma de romper com práticas estigmatizantes e promover autonomia, trazendo contribuições para o campo da musicoterapia preventiva social e comunitária.

Conforme Scliar (2007), a perspectiva de saúde adotada aqui, é compreendida como reflexo da conjuntura social e econômica, política e cultural. O conceito de Determinantes Sociais em Saúde (CNDSS, 2006) nesse sentido é importante para o entendimento de que o sofrimento individual é decorrente também do sofrimento coletivo.

A música no contexto desse trabalho, leva em consideração a sua função social e política (Ikeda, 2001), visto que para além de ser uma das maiores manifestações artísticas em termos de produção, circulação e consumo (Garcia, 2014), constrói subjetividades, e é atravessada pelas estruturas de poder.

A perspectiva musicoterapêutica adotada nos respectivos trabalhos parte das conceitualizações da musicoterapia preventiva social e comunitária conforme Pellizzari e Icmus (2011) e Arndt, Cunha, Volpi (2016), das metodologias feministas (Narvaz & Koller, 2006), sendo definida, portanto como um dispositivo clínico-político (Gondar, 2004). A Musicoterapia como disciplina que une conceitualizações da saúde e da música e que observa de modo minucioso (clínico) a relação som-ser-humano, e compromete-se com a transformação de sujeitos (político), é uma prática parcial, portanto clínica e ao mesmo tempo política.

### Mulheres ativistas

#### *Musicoterapia na União de Mulheres do município de São Paulo*

A União de Mulheres do Município de São Paulo é uma organização autônoma feminista, fundada por mulheres militantes, no ano de 1981. As fundadoras, ex-presas políticas da ditadura civil-militar de 1964, tem

sua trajetória atrelada à construção do movimento feminista no Brasil. A União de Mulheres é um espaço de articulação e mobilização política, onde também são desenvolvidas atividades de formação e difusão de trabalhos de mulheres, e fica localizada na região central de São Paulo. Os encontros de Musicoterapia se iniciaram no espaço no segundo semestre de 2016, e seguiram até o ano de 2019, ocorrendo mensalmente, aberto a todas as mulheres interessadas. O nome da atividade foi escolhido ao longo dos encontros, sendo definido como “Círculo Musical Feminista”. Quanto ao perfil das mulheres participantes, se encontravam em sua maioria mulheres brancas, ativistas, acadêmicas e universitárias, de todas as idades, sendo que as participantes assíduas eram mulheres idosas. A experiência musical de destaque foi a improvisação, principalmente improvisação corporal (utilizando percussão corporal como recurso) e vocal. Os feedbacks e debates após as experiências traziam em sua maioria reflexões macro acerca do contexto político. Grande parte das mulheres tinham facilidade em se expressar no grupo, evocando o corpo e voz para cantar e dançar, e inclusive impor suas recusas a determinadas propostas, e sugerir atividades conforme seus desejos. Os temas das improvisações na maioria das vezes pautavam críticas ao contexto político, demandas por políticas públicas, e a defesa de direitos das mulheres de maneira ampla. Os temas musicais tinham bastante referência à MPB, ao samba, e ao reconhecimento de artistas mulheres.

### **Mulheres em situação de violência e vulnerabilidade**

#### ***Centro de Defesa de Convivência da Mulher (CDCM)***

O Centro de Defesa e Convivência da Mulher (CDDM), é um serviço de atendimento a mulheres, vinculado à prefeitura da cidade de São Paulo. Trata-se de uma política pública que oferece atendimento psicológico e jurídico a mulheres em situação de violência e vulnerabilidade social, além de atividades de convivência - as oficinas semanais. O CDCM referido neste trabalho fica localizado no extremo leste da periferia da cidade, região com bastante vulnerabilidade, e alijada de diversos serviços e direitos. A atividade Musicoterapêutica neste serviço teve início em 2018, e foi finalizada no final do ano de 2020, ocorrendo semanalmente, aberta a mulheres usuárias do serviço no território. O nome da atividade foi escolhido em consenso entre gestão do serviço, equipe e musicoterapeuta, sendo denominada “Oficina de Musicoterapia”. Quanto ao perfil das mulheres participantes, se encontravam em sua maioria mulheres negras, chefes de família, trabalhadoras do lar, de baixa escolaridade, moradoras do entorno, de todas as idades, sendo que as participantes assíduas eram mulheres idosas. A experiência musical de destaque foi a composição musical coletiva. Os feedbacks e debates no grupo perpassavam por questões mais individualizadas no início, e ao longo do processo foram se ampliando para questões coletivas, mas ainda numa perspectiva mais comunitária. As mulheres apresentavam grande dificuldade em se expressar verbalmente e musicalmente. Tinham uma enorme necessidade de serem guiadas, suscitando maior demanda por experiências mais estruturadas, impondo muito pouco seus desejos, ou fazendo recusas às propostas da musicoterapeuta. Os temas das composições traziam elementos das histórias individuais de cada mulher. Os temas e referências musicais apresentavam bastante diversidade, passando por música gospel, samba, forró, marchinhas, e algumas referências às manifestações da cultura popular das regiões de origem de muitas delas (grande parte nordestinas). Tinham de forma clara, seus modos de expressar silenciados e enrijecidos, com menos recursos socioeconômicos e também individuais para o enfrentamento da violência.

#### **As experiências musicais: interseccionalidades em pauta**

Compreende-se a interseccionalidade nessa prática a partir da gênese do conceito formulado por Kimberlé Williams Crenshaw (EUA), onde destaca-se a contribuição da militância de mulheres negras no seu desenvolvimento. Trata-se de um conceito que reflete sobre como diferentes identidades e marcadores sociais, sobrepostos ou não, se relacionam com os sistemas de opressão - Racismo, Classismo, Sexismo, entre outros.

Ambas as experiências foram facilitadas pela mesma profissional, e, portanto, guiada pelos mesmos princípios éticos-políticos. A aplicabilidade de técnicas e experiências musicais com esses grupos levou em consideração duas facetas importantes para o seu desenvolvimento: As necessidades e especificidades das mulheres participantes, bem como os recursos disponíveis à profissional. As experiências musicais utilizadas ao longo deste trabalho, perpassam por vivências de experimentação e sensibilização sonoro-musical; vivências expressivas utilizando a música e seus elementos; vivências de construção, criação, e composição musical coletiva.

Todas as mulheres participantes passaram em algum momento da sua trajetória por violações de direitos, porém, a partir das experiências foi possível observar diferenças importantes no que tange a formas de

expressão e de interação entre as mulheres nos dois grupos. Os exemplos apresentados corroboram com a perspectiva interseccional quando evidenciam que os marcadores sociais se inter-relacionam e não são estáveis.

Neste sentido, portanto, a aplicação de técnicas musicoterapêuticas deveria estar atenta aos motivos pelos quais os modos de se relacionar com as experiências musicais e com a música se diferenciavam. O olhar para o fazer musical permitia neste caso compreender melhor a inseparabilidade entre individual e coletivo, público e privado, pessoal e político.

### Considerações finais

O olhar para essas experiências nos permite refletir acerca do tecnicismo em musicoterapia, que quando exercido de forma exacerbada, pode se tornar um instrumento de reprodução de violências. Considerar as interseccionalidades e suas implicações para o desenvolvimento das experiências musicais, nos torna profissionais mais críticos e comprometidos com o rompimento de práticas estigmatizantes em saúde.

### Agradecimentos

Agradeço à União de Mulheres de São Paulo, ao Centro De Defesa e Convivência da Mulher Helena Vitória, e a todas as mulheres participantes dos encontros de musicoterapia.

### Referências

- Arndt, A. D., Cunha, R., & Volpi, S. 2016. Aspectos da prática musicoterapêutica: contexto social e comunitário em perspectiva. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 387-395.
- Garcia, T. C., & Tomás, L. 2014. Música e Política: Um olhar transdisciplinar. São Paulo, SP: Alameda Casa Editorial.
- Gondar, J. 2004. A clínica como prática política. *Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*, 19, 125-34.
- Ikeda, A. T. 2001. *Música, política e ideologia: algumas considerações*. In V Simpósio Latino-Americano de Musicologia, 1-14.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. 2006. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em estudo*, 11(3), 647-654.
- Pellizzari, P., & Icmus, E. 2011. *Crear Salud. Aportes de la Musicoterapia preventiva-comunitaria*. Buenos Aires, AR: Patricia Pellizzari Editora.
- Scliar, M. 2007. História do conceito de saúde. *Physis*, 17(1), 29-41.

### Minicurriculo

**Kezia Paz.** Musicoterapeuta, pós-graduada em Controle Social das Políticas Públicas pela Escola do Tribunal de Contas do Município de São Paulo (TCM), pós-graduanda em Prevenção e Enfrentamento da Violência para Garantia dos Direitos Humanos, pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

**Como citar:** Paz, K. 2021. Musicoterapia e interseccionalidades em experiências musicais de grupos de mulheres, 6, 149. DOI: <https://dx.doi.org/10.31533/pubsau6.a149>

**Recebido:** 7 abr. 2021.

**Revisado e aceito:** 14 mai. 2021.

**Conflito de interesse:** os autores declaram, em relação aos produtos e companhias descritos nesse artigo, não ter interesses associativos, comerciais, de propriedade ou financeiros que representem conflito de interesse.

**Licenciamento:** Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4.0).